

**CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ENSINO DE FÍSICA EM ESCOLAS DO
INTERIOR PAULISTA E A FORMAÇÃO DOCENTE***

**PRODUCTION'S CONDITIONS OF PHYSICS TEACHING IN SOME SCHOOLS OF
SÃO PAULO AND THE TEACHER'S FORMATION**

**Thirza Pavan Sorpreso¹
Maria José P. M. de Almeida⁴**

¹Unicamp, thirza.ps@gmail.com

⁴Unicamp/ DEPRAC, mjpma@unicamp.br

Resumo

São apresentados diferentes olhares sobre a Escola Pública. Evidenciamos a importância do estágio na formação docente e da reflexão sobre a escola inserida na sociedade.

Palavras-chave: licenciatura, ensino de Física, Escola Pública.

Abstract

This paper presents different views of the Public School. We illustrate the importance of being a student teacher for the teacher's formation and of thinking about school in the society.

Keywords: teacher's education, Physics teaching, Public School.

* Agradecemos ao CNPq pelo suporte e aos alunos estagiários (Aldo G. Pereira, David A. Cusmovas, João Antonio Baldo Aydar, Jurandi Leão, Mariana Sacrini Ayres Ferraz, Maurício Zarzur, Paulo Leandro Cavicchio, Pedro Herzilio Ottoni Viviani de Campos) por disponibilizarem seus relatórios de estágio, para a realização deste trabalho

Introdução e Justificativa

Na formação do professor de Física o estágio em escolas como elemento de formação profissional pode ser analisado de vários pontos de vista. Embora não coloquemos em dúvida a importância da oportunidade que o estágio pode fornecer ao estagiário, de observar maneiras como conteúdos de uma disciplina podem ser ensinados e, inclusive, de se iniciar na atividade docente, vamos aqui focalizar um outro aspecto do estágio.

Neste artigo abordamos elementos do que nem sempre são levados em conta quando se trata a formação do profissional destinado ao ensino de conteúdos específicos, sua reflexão mais abrangente sobre a escola e sua inserção na sociedade.

Para isso, comentamos a natureza dos dados estatísticos possíveis de serem obtidos no site do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que, de acordo com a página inicial do site desse instituto, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, e tem a missão de promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral. Comentamos também algumas notícias, de 2002 a 2005, sobre o Ensino Público no Brasil, obtidas em sites de jornalismo da Rede Globo. Para em seguida nos determos em trechos dos relatos apresentados nos relatórios de estágio realizados por licenciandos em Física em seis escolas do interior paulista.

Comentamos as possibilidades dos diferentes olhares sobre a escola pública com o intuito de evidenciar a importância para a formação docente do licenciando realizar observações que extravasem o que é considerado propriamente aula de uma dada disciplina.

Os diferentes olhares se justificam, pois as informações do Inep, da mídia e as observações dos licenciandos em Física são maneiras de representar a realidade da Escola, são recortes desta realidade e, pensando no que Michel de Certeau nos diz sobre cultura, admitimos que são recortes que não podem captar e transmitir toda a pluralidade, do cotidiano escolar. Quando procuramos retratar uma realidade, só nos é possível captar fragmentos, fazer recortes de certa forma simplificados, singulares, desta realidade. A maneira como fazemos estes recortes está ligada aos objetivos e interesses particulares que esperamos atingir com essa representação, está ligada ao nosso lugar. Sobre essa questão Certeau diz:

Estamos, portanto, sujeitos à lei tácita de um lugar particular. Por lugar, entendo o conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscrevem a quem e como lhes é possível falar quando abordam a cultura em si. Por mais científica que seja, uma análise permanece uma prática localizada e produz somente um discurso particularizado. Ela alcança a seriedade, portanto, na medida em que explicita seus limites, ao articular seu campo próprio com outros absolutamente opostos[...] Também é preciso reconhecer a todo resultado científico o valor de um produto que, tal como aquele que sai da usina, é relativo a instituições, a postulados e procedimentos. Muito ao contrário de enunciar verdades, ele insere-se portanto, em um funcionamento dentre outros. Ele remete a um lugar particular e a suas determinações próprias.(1995, p.222 - 224)

Sobre representar o real, Certeau nos diz ainda que: “O grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real

tagarela. Só se vêem por todo lado notícias, informações, estatísticas e sondagens (...)" (1994, p.286)

E segundo esse autor as maneiras de representar uma realidade têm também suas implicações. Quando procuramos enxergá-la podemos direcionar nossa visão, nosso olhar, de acordo com os discursos que estamos acostumados a ouvir. Dessa forma, se vamos observar a escola podemos enxergar o que já estamos acostumados.

As noções de Certeau sobre representação da realidade são coerentes com a perspectiva da análise de discurso da Escola Francesa, iniciada por Michel Pêcheux, visando as determinações históricas, ou condições de produção dos discursos, compreendidos estes como processos sociais de significação de sentidos. Em Orlandi (2003) a autora considera que o discurso é palavra em movimento, e que: "(...) com o estudo do discurso observa-se o homem falando" p.15. A autora também se refere às condições de produção como materiais, ou seja, a própria língua, institucionais, a formação social, e implicando também o mecanismo imaginário. Considerando o lugar a que se refere Certeau como a formação discursiva, ainda com Orlandi podemos dizer que: "(...) na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições" p.40 e como consequência: " (...) que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas" p.42. Ou, no dizer da autora: "As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória." p.43

Essas considerações justificam a busca de outros discursos na tentativa de compreendermos as reflexões dos estagiários em Física a respeito das escolas em que estagiaram. E Emir Sader nos ajuda a compreender essa necessidade quando no prefácio de um livro de István Mézaros se refere ao fato de que "o enfraquecimento da educação pública, paralelo ao crescimento do sistema privado, deu-se ao mesmo tempo em que a socialização se deslocou da escola para a mídia, a publicidade e o consumo." p.16. Segundo o autor: "Aprende-se a todo momento, mas o que se aprende depende de onde e de como se faz esse aprendizado." p.16.

O Inep e a Mídia

Segundo o Inep, para gerar seus dados e estudos educacionais são realizados levantamentos estatísticos e avaliativos em todos os níveis e modalidades de ensino, entre eles: Censo Escolar, Censo Superior, Avaliação dos Cursos de Graduação, Avaliação Institucional, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), Exame Nacional Para Certificação de Competências (Encceja), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Buscamos dados sobre as seis escolas em que os estagiários haviam feito seus estágios e obtivemos com a ajuda de um recurso na página do Inep, o Data Escola Brasil, que é um sistema de consulta ao banco de dados da Educação Básica, referente ao ano de 2002, que permite o acesso a informações sobre as instituições rurais e urbanas da creche ao ensino médio, nos âmbitos federal, estadual ou municipal. A partir do site www.inep.gov.br, e buscando dados sobre o ensino médio, podemos localizar estatísticas como: *Estatísticas Básicas*, incluindo: matrículas; turmas e funções docentes; *Equipamentos*, incluindo: microcomputador; impressora; videocassete ou DVD; aparelho de TV; retroprojeto; antena parabólica; aparelho de som e acesso à internet; *Dependências*, incluindo: salas de aula; biblioteca; Sala de Professores; laboratório de ciências; laboratório de informática e quadra de esportes; *Programas do Governo*, incluindo: livro didático; merenda; transporte; TV escola; dinheiro na escola; proinfo e escola da família; *Indicadores Educacionais*, incluindo: alunos/turma (média); horas-aula/dia (média);

docentes com curso superior completo (%); taxa aprovação (%); taxa reprovação (%); taxa abandono (%); distorção idade-série (%); distorção idade-conclusão (%).

A leitura/interpretação desses dados apresentados pelo Inep vai depender de quem a faz, de seus interesses no uso desses dados, bem como de suas posições em relação à política educacional no país. Dificilmente se pode considerar que um dado isolado tenha grande significado. Já a combinação de dados, pode nos fornecer indícios bastante interessantes do funcionamento da escola. Assim, se uma escola com 809 matrículas e 21 turmas possui 200 microcomputadores e outra com 1179 matrículas e 31 turmas possui 31 microcomputadores, dificilmente podemos admitir que a oportunidade de acesso a esse recurso pelos alunos seja a mesma. Mesmo com aproximadamente a mesma média de número de alunos por turma, enquanto uma escola possui quase um computador para cada quatro alunos na outra esta relação é de um computador para cada 38 alunos. Talvez não seja por acaso que a primeira escola não tem nenhum programa de governo, enquanto a outra cinco têm programas como livro didático e merenda.

Vemos assim que, esses dados merecem uma análise detalhada, mas esse não é o intuito desta apresentação. O fato é que ao realizarem seus estágios os estagiários procuram coletar alguns dos dados constantes da tabela do Inep via conversas com a direção ou secretaria da escola. Além dos dados do Inep não estarem atualizados, essas conversas tornam-se necessárias para um conhecimento mais pessoal da escola visitada. Alguns dados coletados pelos estagiários coincidem com a tabela, outros divergem da mesma. No entanto, eventuais equívocos de informação ou registro não parecem ter peso muito alto nas discussões em classe, com colegas que trazem dados de outras escolas, e na reflexão escrita ao elaborarem os relatórios. Os dados quantitativos tornam-se uma referência para observações de outra natureza e que também vamos comentar nesta apresentação.

Mas antes vamos nos referir a um formador de opinião fundamental em nossa sociedade, a mídia, que atinge a todos nós. Ao fazê-lo, estamos levando em conta a necessidade de buscar também aquilo que não se vê, ou tentar ver algo mais do que estamos acostumados, enxergar além do interior da escola, não restringindo nossa visão a ela e pensar também na realidade do país em que vivemos. Uma realidade de desigualdade social, de violência, de desemprego, de trabalho infantil, de pobreza, de fome, de instituições que deveriam zelar pelo bem estar da população, mas muitas vezes contribuem para o seu mau estar. Se considerarmos, em particular a questão da violência, Costa e Silva nos dizem que:

[...] instala-se no país uma cultura de violência e de terror, caracterizada pelo abuso de poder de representantes de instituições que deveriam, constitucionalmente, garantir a segurança do cidadão. Tais fatos, que não são isolados, vêm contribuindo, pelo clima de impunidade que impera, para a efetivação de práticas semelhantes que partem, até mesmo, de classes sociais privilegiadas[...] (1997, p.68)

A violência que muitas vezes acontece dentro da escola, pode ser um reflexo da violência na sociedade brasileira.

É nesse contexto social, político e econômico de crises, que se inscreve a disciplina/indisciplina na escola, tema que vem sendo alvo de debates[...]
Nesse sentido vale lembrar que “a escola é parte integrante da sociedade. Ela não é um nicho onde as contradições, os antagonismos de classe deixam de aparecer. Aí eles também vicejam. Na sociedade classista toda educação é classista. Educar nessa ordem, de forma significativa, isto é prol da classe

majoritária, significa: fazer conhecer, conscientizar esta classe para lutar contra essa ordenação.” (idem, p.68 - 69)

E ainda sobre enxergar algo mais do que a complexa realidade da escola, Costa e Silva nos dizem que:

Todo esse processo permite fazer uma leitura dos determinantes sociais que têm influência no cotidiano da escola. Amplia, por certo, a visão do ato político – pedagógico, na medida em que as discussões ultrapassam os seus quatro muros, buscando apreender as suas interveniências do sistema global no processo ensino – aprendizagem, cujos reflexos vão se fazer sentir no trato das questões ligadas à disciplina redefinindo, inclusive, seu conteúdo. (1997, p.70).

Em um artigo da Revista Ciência e Cultura, Cardia e Schiffer relacionam violência e desigualdade social apresentando uma pesquisa sobre a violência em uma região pobre da cidade de São Paulo, concluindo que:

Não se trata aqui de pensar apenas o papel dos agentes de aplicar as leis mas de todos aqueles setores que deveriam garantir que a população tenha uma vida digna. Os dados apresentados reforçam que a violência e insegurança caminham junto com a pouca qualidade de vida, com ausência de política habitacional, com a implementação deficitária de serviços que podem provocar mais a competição entre a população que se deseja, em tese, atender e proteger. (2002, p.31)

A reflexão sobre possíveis causas da violência, no entanto, nem sempre acompanha as notícias sobre essa temática na mídia. Vejamos, por exemplo, alguns trechos de reportagens retiradas de sites da rede Globo de TV (Fantástico, Globo Repórter, SPTV e Jornal Nacional), imagens do Ensino Público que possivelmente são as mais próximas do senso comum já que o que diz a mídia é, aparentemente o que crê grande parte da sociedade brasileira.

Podemos encontrar notícias que tratam da falta de professores na rede pública e notícias que mostram a visão dos alunos em relação aos seus professores:

A escola é nova, mas os estudantes já convivem com a falta de aula. O motivo: não há professores suficientes. Alunos [...] até ganharam um prédio novo. Mas precisam ligar antes de sair de casa para saber se vai haver aula. (SPTV, 2004)

Segundo a pesquisa, 36% dos desenhos mostram o professor em atitudes desfavoráveis, ou seja, agressivo, rangendo os dentes, ou com olhar de reprovação. Num deles, a professora aparece dizendo que não gosta de dar aula. Em outro, o aluno está chorando. E 23,8% mostraram o professor como figuras que causam medo, como diabos, bruxas. Em 14% dos desenhos, os professores aparecem como pessoas descuidadas com sua imagem pessoal, geralmente gordos e descabelados. Até com uma garrafa de pinga ao lado [...]. (Fantástico,2004b)

Nessas notícias, é divulgado que há investimento na construção de novas escolas, mas que faltam professores. E quando temos professores, muitas vezes (na pesquisa em questão, 73,8%) estes não são bem vistos por seus alunos.

Encontramos também muitas reportagens que tratam do trabalho infantil ou sobre estudantes que têm a difícil tarefa de conciliar escola e emprego, como esta do Globo Repórter:

O tempo quase não passou para algumas crianças, mas elas já são como gente grande, defendendo o pão de cada dia. Quem aprende a trabalhar tão cedo quase não aprende a sonhar [...] Jessa ainda é uma realidade para mais de 6 milhões de brasileirinhos [...] No Maranhão, crianças e adolescentes representam 13% dos trabalhadores (2005)

As notícias mais comuns são as de episódios violentos ocorridos nas escolas, com alunos, funcionários ou pessoas externas envolvidas:

Um professor, de 45 anos, 20 anos de profissão, foi o alvo de um estudante. “Entrou um rapaz, que devia ter seus 25 anos, fumando na sala. Ele pegou o cigarro, deu uma baforada, soprou no meu rosto. Eu reagi cobrando postura dele. Aí ele veio para me agredir, dar uma cabeçada. Aí vieram os outros dois, que estavam passando, e me atacaram. Quebraram um dente, feriram meu joelho, fiquei com seqüelas. Tem aluno que vai e mostra a arma pra gente. Eu dei aula em um lugar chamado Caixote em Pé em que um aluno pôs a arma em cima da mesa e disse: ‘Professor, se eu não passar de ano...’”, conta o professor. “Dar aulas na periferia virou um terror, virou uma situação de calamidade”, finaliza o professor. (Fantástico, 2005)

Tiros na porta de uma escola na Grande São Paulo! Um professor cai morto. A vice-diretora e um aluno são presos.(Fantástico, 2004a)

A investigação sobre um caso de violência física entre adolescentes revela uma surpresa: as meninas partem para a briga! “Ela veio me perguntar: ‘O que você tá me olhando?’. Aí a gente começou a discutir. A gente já não se gostava muito no colégio. A gente teve um desentendimento e ela me deu um soco. Aí eu fui e revidei”, conta a adolescente. Briga entre meninos é um comportamento conhecido nas escolas. Mas agora, são as meninas que estão marcando brigas com meninas. E pior, os meninos estão interferindo e batendo nelas. (Fantástico, 2002)

Essas notícias divulgam uma escola pública pouco segura, violenta, tanto e principalmente por parte de seus alunos quanto por seus professores e funcionários; Desse ponto de vista, o Ensino Público vive uma realidade bastante complexa, o que efetivamente ocorre, porém nos alerta Santos citando Bourdieu:

Por um lado, estamos vivendo em um horizonte de representações sociais da violência para cuja disseminação em muito contribuem os meios de comunicação de massa, produzindo a dramatização da violência e difundindo sua espetacularização, enquanto um efeito da violência exercida pelo “campo jornalístico”. No caso da televisão, procura-se o sensacional, o espetacular, mediante a dramatização de fatos de maneira a produzir o extraordinário do mundo ordinário: “A televisão, que pretende ser um instrumento de registro, torna-se instrumento de criação de realidade. Caminhamos para um universo no qual o mundo social é descrito – prescrito pela televisão. A televisão torna-se o árbitro de acesso à existência social e política.” (2002. p. 22)

Discursos dos Licenciandos¹

Como terceira e última fonte de informação sobre as escolas, destacamos trechos de relatórios de estágio, produzidos por oito licenciandos em Física, alunos da disciplina *Práticas de Ensino de Física e Estágio Supervisionado*. Os estágios, realizados em seis escolas do interior paulista, ocorreram no primeiro semestre de 2005. Além, informarem sobre dependências, equipamentos, incluem depoimentos de professores e alunos sobre o dia-a-dia nas escolas, sobre suas vidas e o que esperam da escola e do futuro. Além disso os relatórios incluíram depoimentos dos próprios licenciandos sobre a vivência que tiveram nos dias de observação, e experiências ao atuarem como professores nessas escolas. É interessante notar que, embora a maioria dos professores das classes onde os estagiários assistiram aula fossem licenciados em Física, um deles era em Matemática e outro em Química.

Outras observações pontuais que julgamos pertinente recuperar aqui, e que indicam as precárias condições de ensino em algumas escolas públicas são: numa escola o professor informou que os alunos pagam R\$ 0,10 por avaliação de Física, o preço do xérox, embora, ainda segundo o professor, todos façam a prova, mesmo os que não pagam; laboratórios de Física não utilizados por falta de material, má conservação, ou por ter sido transformado em sala de aula; alunos questionados sobre os principais problemas da escola, afirmam que “o grande problema é que eles não tem merenda”.

Os depoimentos dos licenciandos apresentados a seguir são suas interpretações de aspectos da vida escolar a partir de suas observações ou de depoimentos das pessoas que lá encontraram, refletidas pelas suas próprias histórias de vida e pela cultura da sociedade em que vivem, incluindo a divulgação de notícias pela mídia a que têm acesso.

Com relação ao professor eles afirmaram:

[O professor] Não está satisfeito, reclama muito da indisciplina dos alunos, diz que está desanimado e não tem vontade de tentar algo novo. Até porque já tentou e não obteve resposta dos alunos. Futuro do professor: Conformidade, mas pensa em voltar a estudar para conseguir uma melhor posição na escola, ser diretor ou vice diretor.

O nível de satisfação do professor em relação ao seu trabalho é bom, porém nota-se certo ar de ressentimento e desgosto com relação a mudanças no ensino público.

[...] o professor não estava satisfeito com o trabalho feito em sala de aula. Como ele mesmo disse: ‘os alunos estão chegando cada vez pior para a gente ensinar’, não conseguia atingir seu objetivo de ver os alunos saírem sabendo toda ou a maior parte da matéria.

Satisfação do professor: nível satisfatório, mas a professora não gosta de dar aula [...] a professora pretende arrumar outro lugar para trabalhar.

[...] a professora não pretende mudar o que está fazendo, mas é visível a dificuldade e a preocupação que traz sendo professora, diretora e possuindo diversos outros cargos na vida. Mas a todo momento a professora afirma o quanto é bom e tem prazer em dar aula.

¹ Para que não haja identificação, estaremos nos referindo indistintamente a *licenciando*, quer se trate de licenciando ou licencianda, uma vez que entre os oito cujos relatórios foram analisados, sete eram homens e uma mulher.

Percebi que quase todos gostam do que fazem. Dentro deste grupo há alguns que gostariam de um novo emprego ou uma nova escola, talvez particular. E existem, ‘para não fugir à regra’, aqueles que estão dando aula simplesmente por falta de opção.

[...] foi o professor com quem mais conversei. Ele gosta muito de ser professor, mas se sente cansado com a dificuldade imposta pela profissão. Em uma conversa, ele me disse: ‘Há algum tempo atrás, desprezei três ofertas de empresas diferentes para trabalhar como técnico de química e eu recusei por gostar muito da sala de aula. Porém, se as propostas fossem hoje as aceitaria, certamente...’ [...]

[...] o professor ficou muito admirado em ver uma estudante da Universidade [...] fazendo estágio numa escola pública: ‘é um desperdício’. Desincentivou-me totalmente a ser professora numa escola como ‘aquela’, ‘estudante da Universidade [...] tem que pelo menos dar aula em algum cursinho ou faculdade.

Segundo estes licenciandos apenas um professor afirma não gostar de dar aulas, outros se sentem insatisfeitos, conformados, desanimados, com dificuldades, preocupações, indisciplina dos alunos, quantidade de trabalho. Um inclusive desencoraja a licencianda a ingressar no Ensino Público, pois segundo ele, seria um “desperdício” dada a sua “boa formação”. Esses discursos indicam uma realidade difícil para professores e que parece se complicar quando muitos aparentemente não sabem como lidar com esta realidade. Talvez “tentar e não obter resposta” ou estar insatisfeito com o próprio trabalho os faça querer desistir, querer procurar o Ensino Privado ou até outros empregos longe da sala de aula, apesar de afirmarem gostar da profissão.

Com relação aos alunos, também nos depoimentos dos licenciandos vemos que, conciliar trabalho e escola já se tornou uma prática comum na vida de muitos desses alunos e que para alguns deles escola e trabalho estão bastante ligados:

Aparentemente os alunos vêm o seu futuro diretamente vinculado ao curso que fazem, já que se trata de um colégio técnico. Uma aluna inclusive se mostrou bastante arrependida de ter escolhido o curso de enfermagem, embora afirme gostar do que faz. Segundo ela, se pudesse escolher novamente ela tentaria uma outra profissão. Isso me fez perceber que não só ela mas a maioria dos alunos vê seu futuro como indissociável do colégio, e imutável.

Muitos pensam em prestar vestibular [...] Os alunos mais humildes pensam em terminar o segundo grau para assim ‘arranjar’ um emprego mais fácil.

A maior parte dos alunos trabalhava durante o dia. Praticamente todos pensavam em prestar vestibular, mas acho que suas preocupações mais próximas eram com seus trabalhos. Não consigo imaginar quantos desses estarão na faculdade na virada do ano (ou por motivos financeiros ou pela prova do vestibular).

No que se refere a indisciplina e violência, trechos dos relatórios apontam que:

Em todas as aulas de Física, e pelo que andei bisbilhotando em todas as aulas do colégio, a bagunça é geral: alunos em bate-papo ininterrupto, de costas para o professor, tacando papel nos colegas, jogando cartas, fazendo unhas das colegas e as próprias, fazendo gestos obscenos, namorando, entrando e saindo da sala constantemente, gritando.

Numa das Segundas - Feiras que estive no colégio, presenciei uma explosão no banheiro. Eu estava na sala de aula e, mesmo assim, o barulho foi muito estridente. Fiquei duas vezes chocado: primeiro com a explosão; segundo com a reação dos alunos como se aquilo fosse a ‘coisa mais natural do mundo’, algo extremamente corriqueiro. Essa onda de violência amedronta os professores

O licenciando que fez este último depoimento, mais adiante, em seu relatório, repete o trecho acima, e completa:

Estes [os professores] estão cada vez mais, mais acuados, com medo de ser ele uma vítima. Vários professores alegam terem visto alunos portando algum tipo de arma, desde estilete até revólver. É um quadro que se pinta na mídia todos os dias e se confirma com a presença de policiais nas portas das escolas. No caso da [...], todas as noites uma viatura com dois policiais marcam presença na entrada da escola.

Não parece haver dúvida de que, pelo menos em algumas escolas públicas há uma realidade difícil, tanto para professores quanto para alunos. Talvez este licenciando fique chocado, porque para ele esta violência é novidade, enquanto os alunos tratam isso como “a coisa mais natural do mundo” porque este é o seu dia-a-dia. O que estão acostumados a vivenciar já não os choca.

Segundo um dos relatórios uma professora sugeriu ao licenciando que a causa da violência, da indisciplina dos alunos seria devida à crença que têm de que no final passarão de ano de qualquer maneira. Certamente essa é uma visão simplista da realidade, possivelmente favorecida pelas notícias da mídia que centralizam os problemas no interior da escola, nos professores e alunos sem procurarem estabelecer relações com a sociedade em que essa escola está inserida.

Por outro lado a realidade observada e refletida pelos licenciandos possibilita que esse aspecto possa ser incorporado em sua formação. E alguns depoimentos dos licenciandos contribuem grandemente para isso:

Nos dias em que eu estava presente era muito comum os alunos virem perguntar sobre a minha vida, o que eu faço, o que eu estudo, etc...

A inclusão desse depoimento no relatório do licenciando provavelmente se deve ao fato desses momentos terem sido importantes para ele. E parece plausível supor que o mesmo tenha ocorrido com os estudantes da escola, que viram no licenciando alguém que os ouviria e que poderia mostrar uma realidade para eles desconhecida.

No que se refere às aulas de Física, o seguinte comentário de um licenciando é bastante elucidativo:

Ao questionar alguns alunos a respeito das aulas de física [...] reclamavam que não conseguiam aprender física de modo algum. A percepção do futuro por parte destes alunos é a mais niilista possível, poucos deles pensam em prestar vestibular e não vêem nenhuma relação explícita entre física e a utilização da mesma.

E também foi possível através dos relatórios notar o quanto a conversa com os alunos na escola, pode dar aos licenciandos indícios de possibilidades de atuação diferenciada. De acordo com um outro licenciando, os alunos esperam “*entender*”:

Não saberia transformar uma escola dita ruim numa escola com aprendizagem mais eficiente. Assim, tomo como minhas as palavras dos alunos. Em aulas de Física é preciso: aulas mais práticas, acabar com as fórmulas mal entendidas, aulas dinâmicas, ou até como disse um aluno “qualquer coisa que eu entenda!”

Lecionar durante o estágio, talvez tenha sido a melhor fonte de reflexão para alguns estagiários:

[...] tive a oportunidade de substituir a professora por dois dias não só na sala de aula em que realizo estágio, mas nas outras turmas em que a professora leciona, ou seja, turmas de Ensino Médio. Nestes dias, a sala em que eu estava realizando estágio e achava indisciplinada, mudou completamente ao eu perceber que esta era uma das melhores salas. Porque tinha outras muito piores a ponto de ignorar completamente o professor, isto não acontecia só comigo que era o substituto...ao pedir para fazer atividades, interagir com a sala, pedir participação durante a aula, fiz experimentos eu tinha total colaboração por parte dos alunos. Após estes dias, mais alunos começaram a pedir minha ajuda para alguns exercícios que a professora passava.

O prof.[...] me convidou a dar uma aula em todas as suas classes sobre fontes de energia. Então, com base no seminário da disciplina (estágio), cujo tema foi Física Nuclear, dei as aulas solicitadas pelo Prof.[...] com o seguinte título: ‘Fontes de energia com enfoque em nuclear’. Procurei utilizar como base o que aprendi sobre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, CTSA. O resultado dessas aulas foi muito positivo! Muitos alunos se mostraram bastante interessados durante a aula, questionando o tempo todo, e depois dela, procurando saber mais sobre o assunto.

No sucesso apontado por esses dois licenciandos, evidentemente não se pode descartar o fator novidade, para os alunos da escola, quanto ao professor, conteúdo e estratégia de ensino, mas, sem dúvida esses depoimentos são uma evidência da possibilidade de um trabalho mais efetivo na escola pública. O que não quer, absolutamente dizer que julguemos que isso dependa apenas de cada professor, isoladamente, nas condições de produção de trabalho oferecidas nessa escola.

Mas, no que se refere à contribuição do estágio para formação dos futuros professores, cabe ainda ouvi-los a respeito de como possíveis soluções, ou mudanças:

Se eu pudesse mudar alguma coisa na escola não seria sua parte física, seria o interesse do corpo docente em tratar o aluno com mais respeito assim como os alunos. Os professores e alunos se subestimam mutuamente a qualidade que o outro possui e que possui. A ponto dos professores acharem que está bom do jeito que está e os alunos, em sua maioria, pensar que o ensino é bom e que ele não tem capacidade de aprender por isso não quer mais aprender

“O ensino anda um caos”, resgatando a fala de uma professora. Será mesmo? [...] Os professores afirmam entrar na sala de aula, virar pro quadro negro, copiar um bocado de assunto e deixar que os alunos se virem em copiar. [...]Na minha opinião os professores culpam demais os alunos, mas os problemas não estão somente nestes mas também naqueles [...] refletem nos alunos suas desilusões tendo, com isso, de volta os ‘alunos revoltados’[...] os professores não inovam [...] e, assim, a dispersão dos alunos é previsível. [...] Os problemas não estão

somente nos alunos, volto a dizer. Isso eu percebi nas aulas que dei. Os alunos comportaram-se e mostraram-se bastante atentos e interessados no assunto. Usei transparência, o que colaborou bastante. No fim, a experiência foi ótima, muitos alunos deram-me parabéns pela aula, ‘veja só’ !

Repetimos que, não consideramos que se possa mudar a escola atribuindo apenas ao professor a responsabilidade por essa mudança. Mas, é fato, como afirma Miguel Arroyo (2004), que os alunos mudaram. A realidade que eles vivem é outra, e a escola não deveria continuar a mesma. No depoimento a seguir de um licenciando vemos que esta também é a sua idéia, mas ele reconhece a complexidade de mudar a escola e que as mudanças necessárias não podem se restringir ao interior da escola.

É imprescindível, também, claro, uma mudança de concepção do que vem a ser educação, não somente para o corpo docente, mas para o nosso Governo. Não é justo que algo tão importante como a Educação de nossos jovens receba tão pouco investimento [...] é claro que falo “o que fazer”, mas “ como fazer” é bem mais complicado.

Em suas idas à escola com o objetivo de conhecê-la; de conhecer sua realidade; de pensar no porque desta realidade e se ela precisa ser modificada, instigados a pensar no que fazer para mudar a escola pública, estes licenciandos acabam trazendo em seus discursos, não a realidade, mas visões desta realidade que outras formas de representá-la poderiam ou, possivelmente, até gostariam de omitir.

Considerações Finais

Nesta apresentação comentamos três maneiras de olhar para a escola pública, com o objetivo de evidenciar a importância para a formação docente do licenciando realizar observações e refletir sobre aspectos da vida escolar que não se restrinjam ao que frequentemente é considerado necessário para a preparação de uma aula; o conteúdo de uma dada disciplina e as diferentes metodologias como este pode ser preparado.

Aspectos como: disciplina/ indisciplina; violência e os modos de a encarar; a satisfação e a insatisfação de professores e alunos, são fatores intervenientes no dia a dia escolar e precisam ser considerados ao se pensar a formação do professor.

Por outro lado, assinalamos que esses fatores são vistos de modos diferentes, dependendo de quem os olha e dos objetivos com que são olhados. Foi por isso que embora não apresentando propriamente dados, alertamos para modos possíveis de ler os que são fornecidos pelo INEP, falamos de um viés específico da leitura feita em alguns sites da mídia e finalmente, com base em trechos de registros e reflexões feitas por licenciandos estagiários, apontamos para a relevância dessas reflexões na sua própria formação.

Referências Bibliográficas

Arroyo, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Cardia, Nancy; Schiffer, Sueli. *Violência e Desigualdade Social*. Revista Ciência e Cultura - Temas e Tendências. nº 1. julho/agosto/setembro de 2002. p.25 – 31

Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.

Certeau, Michel de. *A Cultura no Plural*. Tradução por Enid Abreu Dobránsky. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1995. 253p. (Coleção Travessia do Século)

Costa, Célia; SILVA, Itamar. A (in)disciplina: questão da escola ou da sociedade? *Revista de Educação AEC*, nº103, 1997. p. 65 – 73.

Fantástico. Meninas partem para a briga. *Fantástico*, 19 de novembro de 2002. <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA922539-4005,00.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2005.

Fantástico. Morto por Engano. *Fantástico*, 20 de novembro de 2004a. <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA922410-4005,00.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2005.

Fantástico. Humilhação. *Fantástico*, 21 de novembro de 2004b. <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA922743-4005,00.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2005.

Fantástico. Violência invade as escolas. *Fantástico*, 29 de maio de 2005. <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA970062-4005,00.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2005.

Globo Repórter. Trabalho na hora de brincar. *Globo Repórter*, 22 de julho de 2005. <<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-6217-2-103666,00.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2005.

Guimarães, Áurea M. Escola: espaço de violência e indisciplina. *Revista Eletrônica da Faculdade de Educação*. <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/temas.html>>. 5 de agosto de 2005.

Orlandi, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes Editora, 1999. 100p.

Sader, Emir. In Mészáros, István. *A Educação Para Além do Capital*. Tradução por Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial. pp.15-18.

Santos, José Vicente Tavares dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. *Revista Ciência e Cultura*. nº 1. Julho/agosto/setembro de 2002. p. 22-24

SPTV. Sem estudo. *SPTV*, 05 de março de 2004. <<http://sptv.globo.com/Sptv/0,19125,VSE0-2900-20040305-44744-0,00.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2005.